

**4a. Domingo do Advento**

**O anúncio da chegada do Messias**

No tempo da pregação pública de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, Verbo de Deus vivo, que se encarnou por intermédio da santa Virgem Maria, sucedeu esta mensagem que relembramos neste quarto domingo do Advento:

26No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, 27a uma virgem desposada com um homem que se chamava José, da casa de Davi e o nome da virgem era Maria. 28Entrando, o anjo disse-lhe: Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo. 29Perturbou-se ela com estas palavras e pôs-se a pensar no que significaria semelhante saudação. 30O anjo disse-lhe: Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus. 31Eis que conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. 32Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi; e reinará eternamente na casa de Jacó, 33e o seu reino não terá fim. 34Maria perguntou ao anjo: Como se fará isso, pois não conheço homem? 35Respondeu-lhe o anjo: O Espírito Santo descerá sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus. 36Também Isabel, tua parenta, até ela concebeu um filho na sua velhice; e já está no sexto mês aquela que é tida por estéril, 37porque a Deus nenhuma coisa é impossível. 38Então disse Maria: Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo afastou-se dela. (Lc 1,26-38)

Amadas irmãs, amados irmãos, diversos aspectos podemos identificar neste trecho lucano que tanto nos enriquece, servindo de ensinamento e orientação. Porém, o que mais se destaca é a entrega, a fé, a cega obediência de Maria. Vejamos, entretanto, alguns importantes pontos do texto bíblico em tela.

O primeiro ponto a ser destacado é a própria característica do texto que, juntamente com alguns outros, compõem o conjunto bíblico cujo gênero literário intitula-se de *homologese*. Tais textos que pertencem ao chamado “Evangelho da Infância” não se propõem a relatar os acontecimentos à época de forma jornalística e histórica, mas sim a proclamar certas realidades salvíficas, tais como a origem divina de Jesus, sua missão messiânica e assim por diante. Para tanto, lança mão de mesclas tipológicas, vinculando pessoas e fatos vétero-testamentários com correspondentes no Novo Testamento, e de aparições de anjos e sonhos. Dessa forma, o que mesmo importa no texto em questão são as explicações históricas dos fatos narrados, pois, sobretudo, revestem-se de importância os ensinamentos da catequese cristã.

Lucas usa a figura do anjo Gabriel, nome este dado ao anjo de Deus, desde o profeta Daniel, cerca de 500 anos antes de Cristo, o qual teria a missão de anunciar os últimos tempos, tempo identificado por Paulo, ao escrever aos Gálatas: “*Mas quando veio a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, que nasceu de uma mulher e nasceu submetido a uma lei, a fim de remir os que estavam sob a lei, para que recebêssemos a sua adoção.*” (Gl 4,4-5) e, sobre o qual Isaías dissera:

1Um renovo sairá do tronco de Jessé, e um rebento brotará de suas raízes. 2Sobre ele repousará o Espírito do Senhor, Espírito de sabedoria e de entendimento, Espírito de prudência e de coragem, Espírito de ciência e de temor ao Senhor. 3(Sua alegria se encontrará no temor ao Senhor.) Ele não julgará pelas aparências, e não decidirá pelo que ouvir dizer; 4mas julgará os fracos com equidade, fará justiça aos pobres da terra, ferirá o homem impetuoso com uma sentença de sua boca, e com o sopro dos seus lábios fará morrer o ímpio. 5A justiça será como o cinto de seus rins, e a lealdade circundará seus flancos. 6Então o lobo será hóspede do cordeiro, a pantera se deitará ao pé do cabrito, o touro e o leão comerão juntos, e um menino pequeno os conduzirá; 7a vaca e o urso se fraternizarão, suas crias repousarão juntas, e o leão comerá palha com o boi. 8A criança de peito brincará junto à toca da víbora, e o menino desmamado meterá a mão na caverna da áspide. (Is 11,1-8)

Dessa forma, Lucas identifica a Encarnação de Jesus como a chegada da plenitude dos tempos, momento em que a humanidade é recriada pelo fato de Jesus assumir a própria natureza humana, possibilitando transformar a criatura humana em *nova criatura*, tal qual destaca Paulo em sua epístola aos Coríntios: “*Todo aquele que está em Cristo é uma nova criatura. Passou o que era velho; eis que tudo se fez novo!*” (2Cor 5,17).

No trecho bíblico, o anjo inicia sua fala com uma importante saudação e juntando três importantes aspectos: “*Ave*”, “*cheia de graça*” e “*o Senhor é contigo*”, embasados em expressões apresentadas no Antigo Testamento e ligados à eleição, à vocação e à missão.

“*Ave*” significa muito mais do que uma formal saudação, sendo utilizada para o César ou outras autoridades que, associada ao “*cheia de graça*” destaca toda a importância de alguém que tem a predileção e o amor de Deus. Quando Gabriel completa a saudação com “*o Senhor é contigo*”, expressão frequentemente apresentada vinculando-se a relatos de vocação (de Moisés, de Gedeão e de Jeremias), evidencia-se, assim, o “relato de vocação” de Maria, o que significa a apresentação de uma missão indicada por Deus e o aguardo da resposta de quem o recebeu - Maria. Deus está com Maria e, juntamente com ela, toda humanidade. Inicia-se, então, a apresentação da proposta de Deus a Maria, cuja resposta é por ela expressa na sequência final do chamado.

Na continuidade da conversa, após a afirmativa explícita de Maria ter encontrado graça diante e Deus, é apresentado a ela o seu chamado para o projeto divino: de ser a mãe de “um filho”, alguém tão especial que terá o nome de “*Jesus*” (em aramaico = “Deus salva”), nome similar ao de Josué, em hebraico, sucessor de Moises, quem conduziu o povo judeu na entrada da Terra prometida. Mas não fica nas entrelinhas a missão de Jesus, além do próprio nome, a Maria é anunciado que Ele seria o “*Filho do Altíssimo*”, cujo reino não terá fim. Apesar da situação absolutamente inusitada, fica explícito o chamado: para ser a mãe desse “Messias” esperado, o libertador enviado por Deus ao povo de Israel, ofertando-lhe a vida e a salvação definitivas.

Em que pese sua pureza e sua fé, como era de costume judaico diante dos chamados, dos possíveis compromissos a serem assumidos, dos relatos de vocação vétero-testamentário, é apresentado, *a priori*, uma objeção. Não uma negativa, tampouco uma fuga do convite, mas uma forma de mostrar que o compromisso apresentado seria para ela, por sua humana visão, apesar de sua pura fé, algo além de sua capacidade. Ela não duvida, não refuta, apenas demonstra sua fé na grandeza e no poder incomensuráveis do Criador. Ela apresenta o que para ela seria um problema, mas crê na possibilidade de ser transponível, pois apenas pergunta como ocorreria: “*Como se fará isso, pois não conheço homem?*”

Ao explicar que o Espírito Santo descerá sobre Maria e, com isso, a força do Altíssimo a envolverá com a sua sombra, conclui, o anjo, dizendo que, como conseguinte, aquele que nascerá de seu ventre será chamado Filho de Deus. Explicita o como e as consequências do que viria a acontecer.

Apesar da explicação, somente com muita fé alguém poderia, sem questionamentos, nela acreditar. Mas, como complemento do poder de Deus, o anjo traz a Maria a informação da gravidez de Isabel, quem havia já sido considerada estéril pela idade. Em que pese a fragilidade humana de Maria, Deus, por meio dela, far-se-á presente no mundo para oferecer a salvação à humanidade.

Chegamos, então, ao clímax da conversa, ao momento merecedor de reflexão e imitação, à resposta final de Maria. Ela sequer responde que sim, pois não se vê em condições de responder, de refletir, de questionar, apenas se entrega nas mãos de Deus: “*Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra.*” Reconhece-se, humildemente, a eleita de Deus e entrega-se para o que for da vontade divina. Nem mesmo um sim seria digno de sua parte, pois caracterizaria uma opção, uma reflexão. Isso, de fato, é entrega.

Reflitamos sobre a ação de Deus por meio de homens e mulheres, independentemente das suas qualidades humanas. Porém, o que se faz decisivo e necessário é a entrega, a disponibilidade e o amor com que as propostas de Deus são acolhidas. Pela entrega de Maria, Deus se fez homem, trazendo à humanidade sua divindade, tornando-se um com o ser humano, sua criação.

Maria de Nazaré, certamente, foi uma pessoa de oração e de fé que, ao experienciar o encontro com Deus, confiou e entregou-se plenamente em Suas mãos. Será que, em nosso cotidiano, encontramos tempo para “ouvir” Deus? Estaríamos disponíveis para uma vida em comunhão com Ele, capazes de perceber os seus sinais e seguir inquestionavelmente o seu direcionamento?

Rev. Frei João Milton.